



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

INTERPRETANDO A PAISAGEM DE MIGRANTES: UMA LEITURA DA RELAÇÃO COM O LUGAR DESDE UMA ABORDAGEM GERACIONAL

Marcelo Gules Borges¹

Marilia Andrade Torales²

Teresinha Guerra³

RESUMO: A migração enquanto deslocamento físico implica novas relações com os lugares para o migrante. Estas experiências formam a base constitutiva dos significados que as paisagens recebem. Este artigo procura interpretar os significados atribuídos à paisagem por sujeitos de três famílias migrantes, em três gerações, a fim de compreender as suas relações com o lugar de origem (Bioma Mata Atlântica) e de destino (Bioma Pampa) no sul do Brasil. As interpretações destes significados mostram que a paisagem é polissêmica, ou seja, ela é significada a partir do contexto ontogenético (fases da vida), ambiental e sociocultural em que determinada paisagem é rememorada. Estas leituras contribuem à compreensão em profundidade das relações dos sujeitos com os lugares, configurando-se como uma possibilidade ao desenvolvimento de uma Educação Ambiental *compreensiva*, com implicações diretas aos processos participativos de planejamento local das paisagens.

Palavras-Chave: Migração; Paisagem; Gerações; Educação Ambiental.

ABSTRACT: Migration as physical displacement implies new relationships with places for migrants. These experiences form the basis for the meanings that landscapes receive. This paper analyzes the meanings attributed to the landscape by three generations of three different migrant families in order to understand their relationship with their place of origin (Atlantic Forest Biome) and their place of destination (Pampa Biome) in southern Brazil. The interpretations of these meanings show that landscape is polysemic; that is, it receives meaning from the ontogenetic (life stages), environmental and socio-cultural contexts within which a determined landscape is remembered. These readings contribute to an in-depth understanding of the relationship between subjects and places, configured as an opportunity to develop a *comprehensive* Environmental Education, with direct implications for participatory planning processes of local landscapes.

Keywords: Migration; Landscape; Generations; Environmental Education.

¹ Biólogo, Mestre em Ecologia. Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. marcelogulesborges@gmail.com

² Professora do Centro Universitário Feevale e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG, Brasil. mariliat@feevale.br

³ Professora do Departamento de Ecologia e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia da UFRGS, Brasil. tg@ufrgs.br

Introdução

As propostas que emergiram da modernidade tem provocado profundas mudanças nas paisagens, a partir de um enfraquecimento da tradição como uma mediadora cognitiva e moral das relações dos seres humanos com a natureza (GIDDENS, 1991; LENZI, 2006). Estamos negando a nossa história (ambiental) dos/nos lugares, em última instância desconfigurando as paisagens *exteriores e interiores*.

Desde uma perspectiva interdisciplinar e holística da ecologia de paisagem (NAVEH e LIEBERMAN, 1993; WU e HOBBS, 2002; NAVEH; 2000; 2001), estas conseqüências devem ser enfrentadas estudando as paisagens e suas múltiplas dimensões e escalas, entrelaçando junto entidades naturais e culturais, pela junção de campos das ciências naturais e humanas. Somam-se assim, diferentes olhares sobre um determinado tema que envolve a paisagem.

A migração, enquanto deslocamento físico, implica novas relações com os lugares para o migrante. Estas experiências formam a base constitutiva dos significados que as paisagens recebem.

Nesse contexto, a partir de uma abordagem *compreensiva* da Educação Ambiental (FLICKINGER, 1976; CARVALHO, 2002, 2003; CARVALHO e GRÜN, 2005; GRÜN, 2007), este tema configura-se como uma possibilidade de interpretação das paisagens que compõem as histórias de vida dos sujeitos. A partir disso, espera-se conceber novas formas de intervenção educativa e ambiental, através de processos participativos no planejamento local da paisagem.

O objetivo deste trabalho é descrever e interpretar os significados da paisagem atribuídos por famílias migrantes no Rio Grande do Sul, Brasil, em três gerações, a fim de compreender as suas relações com o lugar de origem e de destino.

Paisagem como significado

A paisagem tem sido objeto de interesse de diferentes abordagens culturais e/ou científicas (por exemplo, Artes, Geografia Cultural, Ecologia de Paisagem, Antropologia, Psicologia Ambiental, entre outros). Estas diferentes perspectivas divergem ou convergem em função da especificidade com que a paisagem é compreendida, tornando-a um conceito diversificado.

Antes de iniciarmos a análise sobre as *paisagens de migrantes*, sucintamente abordaremos a respeito dos aspectos cognitivos da percepção da paisagem, a dimensão simbólica da construção de seus significados e a paisagem como incorporação de humanos e não-humanos.

Primeiramente, destaca-se que a cultura muda a paisagem e é, ao mesmo tempo, incorporado pela paisagem. Além disso, percepção, cognição e valores afetam diretamente a paisagem e são afetados por ela (NASSAUER, 1995). Para Naveh (1995; 1998), a interação da cultura com as paisagens é recíproca, inclusive uma relação cibernética. Não somente a cultura impacta as formas das paisagens, mas nossas formas de ver a paisagem são também produtos da cultura, as quais estão afetando nossas relações com estas paisagens.

Na visão de Dansereau (1999, p. 12), tanto a paisagem interior, quanto exterior, convergem um processo em um ciclo. Para ele, “o homem desde os tempos magdalenianos⁴ até os nossos dias, teve uma percepção seletiva do mundo que o cercava e, por sua vez, uma maneira bastante seletiva também de modelar a paisagem à imagem de sua visão interior”. A essa projeção íntima, chama-se de *inscape*⁵. Essa filtração em direção ao interior, da natureza do homem, essa subida do subconsciente ao consciente e da percepção à intenção e à implantação, é justamente o que acontece também ao agricultor, ao silvicultor, ao engenheiro e ao planejador. O caminho da impressão sensorial à intervenção material é marginado por um conjunto de imagens que faz do *inscape* um modelo para modificação da paisagem.

Em relação à dimensão cognitiva, Farina e Belgrano (2004), Farina, et. al. (2005) e Farina e Belgrano (2006), ao proporem sobre a *hipótese do eco-campo*, baseada no conceito de ambiente subjetivo (*Umwelt*) descrito por Jacob von Uexkull (1940) e na biosemiótica, destaca que esta é uma nova possibilidade para descrever os processos da paisagem de acordo com as percepções centrada nos organismos. Nesta abordagem, a paisagem percebida seria resultado das interações entre o mundo real e o mundo percebido. Ela seria formada a partir da soma dos elementos de uma *paisagem não-percebida*, entendida como não-codificada; *baseada no indivíduo*, a partir de seus sensores biológicos (cheiro, visão, audição, paladar e tato) e *baseada no observador*, centrada nos aspectos culturais.

Na perspectiva de Ohta (2001), ao tratar dos aspectos cognitivos da paisagem desde uma abordagem fenomenológica, ele destaca que ao olharmos uma dada paisagem, cada

⁴ Magdaleniano se refere a uma das culturas mais tardias do paleolítico superior na Europa Ocidental, compreendido entre 15.000 a.C. e 9.000 a.C. Este período é caracterizado pelo apogeu da indústria do osso e da arte mural. (Dicionário Eletrônico Houaiss, Versão 2.0a, Abril de 2007).

⁵ Palavra criada pelo poeta inglês Gérard Manley Hopkins (1844-1849) o qual relatou suas contemplações da natureza num diário, através de cartas, poemas, desenho e mesmo sob forma musical (DANSEREAU, 1999).

indivíduo rememora cenas ou situações similares de suas experiências do passado, junto com uma emoção particular que é fortemente conectada a esta memória e conseqüentemente estes sentimentos influenciarão fortemente as impressões e as avaliações da paisagem percebida.

Para Greider e Garkovich (1994), os símbolos e significados que compõem a paisagem refletem o que as pessoas no grupo cultural definem ser apropriados ou inapropriados entre eles e, entre eles mesmos e o ambiente físico. Através de fenômenos socioculturais, o ambiente físico é transformado dentro da paisagem que é o reflexo de como nós definimos a nós mesmos. A idéia sociológica da paisagem expande a definição de “objeto” para incluir a natureza e o ambiente. Os indivíduos percebem e categorizam o que é dado, o ambiente social e natural, em termos de subjetividade, dando como certo símbolos e significados, e deste modo, definem as situações as quais eles estão inseridos.

Nesta mesma direção, Tuan (1977) e Stedman (2002), destacam que os significados e o apego aos lugares são formados através da experiência com a paisagem, onde humanos agem para criar significados simbólicos com base na experiência de suas próprias escolhas. Dito de outra forma, nossos significados da paisagem emergem das vivências sociais no/com o ambiente.

Visto desde a perspectiva da *temporalidade da paisagem* (Ingold, 1993) esta é concebida para além da visão naturalista e estéril, como cenário para as atividades humanas e culturalista, de que toda paisagem é uma ordenação simbólica e cognitiva. Conforme destaca Carvalho et al. (2009, p. 105), nesta perspectiva “a paisagem é pensada como o horizonte de convergência dos corpos e organismos humanos e não-humanos com o ambiente que os engloba, distinguindo-se de uma concepção de paisagem como “vista” ou cenário para a ação humana”. Propõem a paisagem “como unidade coerente do “visível” o campo de percepção de todos aqueles que a habitam e a constituem e por ela são constituídos. A totalidade na qual todos os seres sensíveis estão inseridos”.

Por fim, revelar os significados da paisagem exige a nossa capacidade de penetrar no mundo subjetivo dos outros, a fim de interpretar como estes significam as relações estabelecidas entre si e os outros (humanos e não-humanos) nos lugares.

2 Método

2.1 Contextualização

A presente pesquisa se inseriu no âmbito do projeto de intervenção *Programa Integrado de Recuperação e Conservação dos Recursos Naturais em Assentamentos Rurais*

localizados no Município de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, realizado entre o Núcleo de Estudos em Educação Ambiental do Centro de Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Brasil. Este projeto vem sendo realizado desde 2007 em 13 projetos de Assentamentos Rurais, tendo por objetivo a construção de uma unidade referência, a partir de metodologias participativas, voltada para a sustentabilidade sociambiental das comunidades locais.

2.2 Definição da Amostra

Os critérios de validade e de definição da amostra obedeceram aos pressupostos da pesquisa qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994; BOGDAN e TAYLOR, 1975; DENZIN e LINCOLN, 2006), bem como, relativos à restrição financeira e de tempo. Por se tratar de um estudo de *abordagem biográfica*, se constituiu em uma amostragem intencional e casuística, na qual os informantes foram selecionados de acordo com um certo número de critérios estabelecidos pelo investigador e de relação direta com o objeto de estudo (BURGESS, 1997).

Foram selecionadas três famílias em três gerações (Avós, Pais e Filhos) correspondendo a 9 sujeitos migrantes na década de 90 da área do território Indígena Caingangue, norte do estado, em direção a assentamentos rurais localizados no sul do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1).

Optou-se por escolher famílias em que as gerações pudessem descrever as experiências no lugar (de origem e de destino) e aquelas em que todos os membros tivessem vivenciado o processo de migração. Além dos critérios definidores da amostra, destaca-se o fato destas famílias serem participantes do projeto de intervenção no qual o pesquisador fazia parte. Este momento foi fundamental para definição e aproximação do pesquisador com as famílias participantes desta investigação.

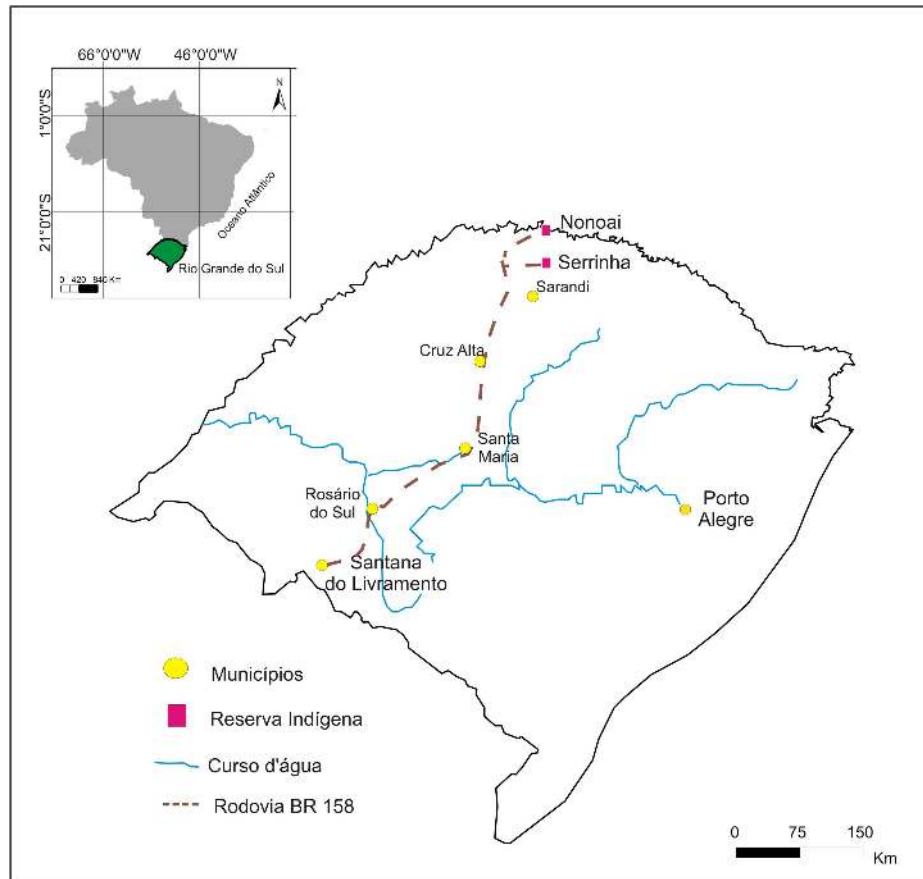


Figura 1. Localização das Reserva Indígena de Nonoai e da Serrinha, Rio Grande do Sul, Brasil. Em destaque o deslocamento físico realizado durante a migração. (Elaboração: Geógrafa, Msc. Márcia dos Santos Ramos Berreta, Departamento de Geografia, UFRGS).

2.3 O Lugar de Origem

O lugar de origem das famílias são as comunidades rurais, inseridas no território indígena Caingangue das Reservas Indígenas de Nonoai e Serrinha, localizadas no norte do Estado do Rio Grande do Sul próximos à divisa com o estado de Santa Catarina, Brasil (Figura 1). A Reserva Indígena de Nonoai foi criada e demarcada pela primeira vez em 1848, seguida por sucessivas redemarcações até a década de 2000, estando atualmente com 19.830 ha. A Reserva Indígena da Serrinha é resultado da divisão da primeira área na década de 1910. Após diversas redemarcações até a década de 1990, atualmente possui 11.752 ha. Ao longo deste período, ambas as áreas tem sido tema de conflito entre índios, camponeses e o estado (CARINI, 2006; ARESI, 2008) tornando-se fonte de migração de diversas famílias. A região é conhecida pela origem da formação do Movimento Sem Terra, a partir do confronto ocorrido em 1978.

A matriz da paisagem está inserida no bioma Mata Atlântica (IBGE, 2004), em que predomina a Floresta Ombrófila Mista, também conhecida como Floresta de Araucária (Figura 2 (a) e (b)), pela predominância do pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*) (LEITE e KLEIN, 1990). Historicamente, a exploração do pinheiro-brasileiro e de outras espécies maderáveis desde o final do século XIX pela indústria madeireira foi a grande responsável pelo desflorestamento da região (CORREA e BUBLITZ, 2006).

2.4 O Lugar de destino

O lugar de destino das famílias migrantes são dois assentamentos rurais localizados no município de Santana do Livramento, sul do estado do Rio Grande Sul, Brasil, na fronteira com o Uruguai (Figura 1). Esta região é conhecida historicamente como uma região de “vazio demográfico” tornando-se um espaço amplamente disputado entre portugueses e espanhóis ao longo dos séculos XVII e XVIII. Após a ocupação portuguesa passou a ser alicerçado na sesmaria como possibilidade de acesso à posse da terra. Atualmente, caracteriza-se pela presença de grandes propriedades rurais herdadas das sesmarias e desenvolvendo atividade econômica predominantemente de pecuária e corte extensiva. Na década de 90, este município tornou-se pólo de centenas de famílias migrantes trabalhadores sem-terra, oriundas do norte do estado, as quais foram reterritorializadas em propriedades adquiridas pelo Governo Federal e Estadual (CHELOTTI, 2003; 2005).

Quanto à matriz da paisagem, está inserida no bioma Pampa (IBGE, 2004) caracterizando-se por apresentar predominância de *campos* com muitas gramíneas, ervas, arbustos e pequenas árvores co-ocorrendo dentro da matriz de gramíneas (OVERBECK et al. 2007) (Figura 2 (c) e (d)). Recentes discussões tem sido realizadas sobre a conservação deste bioma relacionado aos aspectos de perda de sua biodiversidade (OVERBECK, et al. 2007). Destacam-se principalmente impactos a paisagem relativos a expansão agri-silvicultural através da monocultura de *Eucaliptus sp.*, as pastagens cultivadas, a perda de espécies nativas, a introdução de espécies exóticas, o sobrepastejo e a erosão.



Figura 2. (a) Imagem ilustrativa da matriz da paisagem do lugar de origem. Floresta de Araucária do Parque Nacional das Araucárias, SC. Predominância do pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*), Bioma Mata Atlântica. Imagem: www.apremavi.org.br. Acesso em 20 de Maio de 2009. (b) Em destaque, membros de uma comunidade do lugar de origem na área do território indígena Cainguangue no município de Engenho Velho, RS. Ao fundo florestas de encosta em mosaico com campos cultivados. Foto: cedida por Ari Müller (c) Matriz da paisagem do lugar de destino em Santana do Livramento, RS. Campos com a predominância de gramíneas, Bioma Pampa. Ao fundo a presença de gado leiteiro. Foto: Evandro Eifler Neto. (d) Imagem área da agrovila de um assentamento, com campos cultivados no entorno, Santana do Livramento, RS. Foto: cedida por Fabiane Müller.

2.5 Coleta e Análise dos Dados

Como técnica de coleta dos dados definiu-se a *entrevista em profundidade* (GASKELL, 2004; BOGDAN e TAYLOR, 1975; CHASE, 2000) realizada de forma individual e coletiva (grupo familiar) a partir de um roteiro pré-estabelecido, utilizado em outra etapa deste estudo para a construção de histórias de vida familiar com perguntas específicas sobre a paisagem, como segue:

- (a) Você poderia me contar sobre a paisagem de origem/destino? Quais sentimentos estão associados?

- (b) Como você(s) descrevem a paisagem de origem/destino? Quais sentimentos estão associados?
- (c) Você poderia me contar sobre acontecimento(s) seu(s) e/ou familiar na paisagem de origem/destino? Quais sentimentos estão associados?
- (d) Qual paisagem você prefere? A de origem ou a atual? Porque?

Foram realizadas 14 entrevistas individuais - no mínimo uma entrevista por geração - seguidas por 6 entrevistas coletivas - no mínimo duas por família - entre o período de março de 2008 a janeiro de 2009. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com consentimento dos sujeitos, e tiveram duração de aproximadamente 1h a 1h20min.

As entrevistas foram transcritas e, em seguida, todo o material empírico foi organizado a fim de construir um *corpus* facilitando a leitura dos dados. Nesta etapa, teve-se por objetivo reduzir os dados a fim de interpretá-los (MILES e HUBERMAN, 1994; WOLCOTT, 1994) em seus contextos socioculturais. Em essência, o que se realizou foi um processo de codificação dos dados, realizado de forma indutiva, organizando-os em categorias emergentes, as quais apresentavam núcleos de sentido que obedeceram a critérios pré-estabelecidos (AFONSO, 2004).

Quando os dados são organizados e apresentados num registro interpretativo a tônica centra-se na construção do significado (AFONSO, 2004), isto é, foca-se na produção de um texto argumentativo que atribui novos sentidos aos fatos, situações e discursos dos atores, numa lógica compreensiva global (WOLCOTT, 1994).

3 Resultados e Discussões

A análise dos dados, contextualizadas nos percursos biográficos e de forma longitudinal (entre gerações), permitiu-nos identificar uma pluralidade de significados atribuídos à paisagem de origem e de destino, ou seja, ela é polissêmica. É significada a partir das experiências vividas em determinada fase da vida (contextos e características ontogenéticas) em seus respectivos contextos ambientais e socioculturais em que é rememorada (Figura 3).

Neste processo, convergem aspectos psicológicos e cognitivos (FARINA e BELGRANO, 2006; OHTA, 2001) fazendo com que cada sujeito, ao descrever determinada paisagem, a partir de suas memórias autobiográficas, rememore cenas ou situações similares

de experiências do passado. Estas, evocam emoções particulares, relativas às lembranças que se somam as suas interpretações da paisagem envolvida.

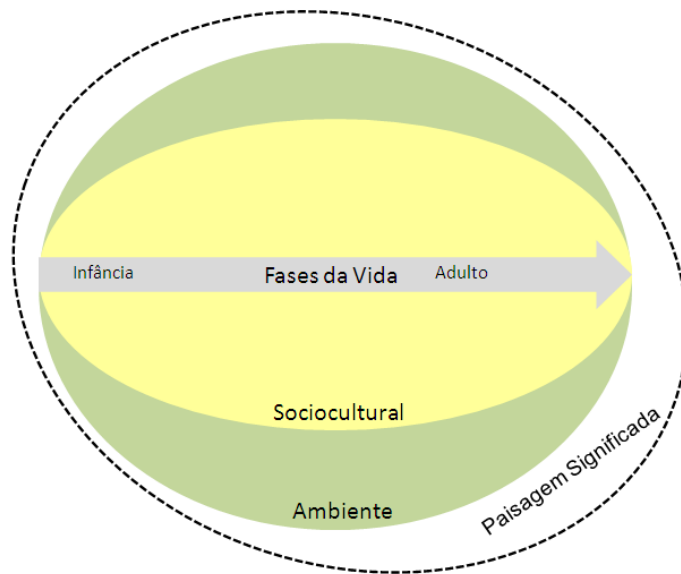


Figura 3. A paisagem é subjetivada pelos migrantes a partir da interação entre os contextos ambiental, sociocultural e fase da vida em uma determinada experiência vivida nos lugares, em que convergem aspectos psicológicos e cognitivos do indivíduo.

As formas de decifrar e compreender os símbolos interjacentes em uma paisagem, tornam um mesmo lugar tão diferente para uma pessoa e outra, individualmente ou em conjunto, pois revelam traçados imbricados de fronteira de natureza material e imaterial, objetiva e subjetiva tênues, sutis ou fortemente demarcadas, presentes na análise da percepção e da interpretação de uma paisagem, numa significativa interrelação de elementos naturais e culturais, bem como de atitudes e condutas ativo-reflexivas (GUIMARÃES, 2005).

As rememorações sobre as experiências no/com os lugares ao longo da vida dos migrantes, nas respectivas gerações, mostra diferenças e semelhanças compondo indicativos que nos ajudaram a compreender em profundidade como as paisagens (*de origem e de destino*) são significadas.

No intuito de facilitar a interpretação dos dados, inicialmente, destacam-se as narrativas sobre a paisagem, estabelecendo relações entre o lugar de origem e de destino a partir de três categorias: *Paisagem privilegiando o ambiente natural*, *Paisagem privilegiando a vida social* e *Paisagem privilegiando o contexto socioambiental*. Posteriormente, aprofunda-se as reflexões a partir do referencial teórico.

3.1. Paisagem privilegiando o ambiente *natural*

A primeira categoria que emergiu a partir das narrativas privilegiou descrever a paisagem a partir de elementos do ambiente *natural*. Basicamente, essas descrições são carregadas de uma percepção estética e da qualidade ambiental dos lugares que evoca sentimentos prazerosos, principalmente, em relação à *paisagem de origem*. Ao rememorar sobre sua infância, César (2ª geração), Douglas (2ª geração) e Fátima (3ª geração) narram:

A paisagem era diferente, porque existe mais a mata nativa, os próprios terrenos são diferente. Terra dobrada! A terra não tem caída, tem pedra. De subida, descida e morros. Ah! Bem diferente... A terra era terra boa, terra preta. A paisagem era capão de mato... Onde nós tava nessa região não tinha mato fechado. Capãozinho de mato, água boa, água que corria de sanga, água pura. (Entrevista Individual; Família 2)

Eu achava muito lindo! Aqueles mato lá que chegava a ser aquilo preto, coisa mais linda! As flor, a época da flor, aquilo amarelava flor desse Ipê, bah! Mato bonito memo. Mais mato muito lindo! Em todo lugar lá, eu tenho saudade, volta e meia tamo falando. Bah! Nunca mais vamo tê um lugar lindo que nem nós tinha lá, nunca mais... (Entrevista Coletiva; Família 3)

Era lindo! Tinha mato por tudo que era lugar, a água era limpinha. A água não era suja. É que lá era tudo pedra... daí a água era limpinha. Limpinha assim que tu enxergava tudo. E tinha bastante pedra, bastante morro, bastante árvore. Bastante árvore que eu me lembro que tinha lá e que não tem aqui. Mais mato. Não era tão calor, pelo menos parecia que não era. Acho que é isso assim, a paisagem. (Entrevista Coletiva; Família 3)

De forma comparativa, a *paisagem de destino* vai se constituindo nas memórias com base na relação floresta/campo. Destacam-se nessas narrativas as impressões sobre a imponência da vegetação do lugar anterior, permitindo que esta passe por constantes ressignificações.

No sentido de descrever o apego em relação à floresta, Nilza (2ª geração) comenta que, com o passar do tempo “*foram gostando mais da paisagem*” do assentamento, pois esta agora “*tem mais árvore*”. Contudo, sobre o impacto da paisagem na chegada ela rememora:

Quando a gente chegou aqui, na época que eu tava grávida, eu chorava! Sentava no meio daqueles capim e chorava desesperada, porque olhava só capim e alecrim. Tinha que trepa nessas coisas de formiga, de cupim pra conseguir enxergar os outros. Daí eu não queria ficar de jeito nenhum, queria ir embora a todo jeito. (Entrevista Coletiva; Família 3)

Essas diferenças são tão marcantes que a vegetação do assentamento para Fátima (3ª geração) parece estar em um tempo cronológico diferente. A percepção é que a *paisagem de destino* está em movimento, quando comparada a de origem e, de que o conhecimento sobre muitas árvores foram esquecidos, e outras nunca tinham sido vistas:

Aqui é diferente! As árvores parece que são uns mato tão novo, sabe!?! Eu acho que a paisagem daqui, eu tenho a impressão que faz menos tempo que ela tá crescendo. Lá parece que aquele mato sempre existiu. Tem muita árvore que tinha lá e que aqui eu nunca vi, que não lembro nomes e qualidades, mas eu lembro das folhagens. Tinha árvores que tinha folhas de um tipo que aqui não tem. (Entrevista Individual; Família 3)

Neste mesmo sentido, o impacto é tão grande para Nilza (2ª geração) e Arlindo (2ª geração) que a percepção das paisagens são dicotomizadas entre opostos, como “*natural*” e “*artificial*”:

Arlindo: Lá, na verdade, a paisagem é da natureza, é natural mesmo. Nilza: E aqui as árvore que tem não é natural. Arlindo: Aqui é artificial! A sombra lá é natural, aqui é artificial. Nilza: É artificial, as árvore aqui plantaram. Arlindo: Eucalipto (*Eucalyptus sp.*), Acácia (*Acacia decurrens*), esses são pra madeira. Agora pra sombra não prestam. Então, planta Cinamomo (*Cinnamomum sp.*)! (Entrevista Coletiva, Família 3)

O confronto com outra matriz paisagística (*campo*) também tem implicações aos saberes do lugar de origem, especialmente em relação à vegetação, exigindo novos aprendizados a partir da experiência. Neste sentido, Nilza (2ª geração), ao narrar a paisagem, descreve emocionada sobre sua relação com uma árvore no assentamento:

Tinha uma árvore. Eu briguei tanto por causa daquela árvore! Era bem no meio da lavora lá embaixo. Corticeira (*Erythrina crista-galli*)! Ela era enorme! Eles viviam brigando pra cortá a tal da árvore, e eu brigando pra não cortá! “Não corta, respeita. Vocês imaginam quantos anos levo pra ficá daquele tamanho aquela arvore!” Até que consegui que não cortasse. Agora ficô no nosso lote e ela morreu! Eu acho que a árvore ficou de mal comigo, por isso que ela morreu. Essa árvore é de banhado, eu não tinha me dado conta disso! Todos anos seca, foi por isso que ela morreu, entendeu!? (Entrevista Individual; Família 3).

Além da dimensão afetiva envolvida neste caso, os conhecimentos tradicionais ganham destaque a partir do contexto da migração. As consequências da mudança de lugar, parecem ter um impacto importante no que diz respeito à transmissão às gerações mais novas. Sobre a comparação das paisagens, Fátima (3ª geração) relata:

Mas que eu me lembro assim, era um lugar (origem) muito bonito, tinha umas árvore, umas coisa que não tem aqui hoje. As florestas eram diferente, e as vezes, até pergunto pra mãe de umas árvores que eu me lembro do tipo de folha, sabe? Do tipo de frutas que tinha lá e não tinha aqui... só que, como eu era muito pequena, eu acabei não conhecendo o nome, variedade... Eu só me lembro assim: “Ah, mãe, lembra daquela árvore que tinha em tal lugar?” Coisa assim, que eu me lembro do jeito das coisa, não muito do nome, nem das variedade que tinha lá, sabe!? Mas aquele lugar era muito bonito, eu guardo muitas coisas boas do lugar onde nós morava lá... (Entrevista Individual; Família 3)

Outras narrativas, além de descrever o papel do conhecimento tradicional, evocam a importância desta ao uso dos recursos naturais pelos camponeses no lugar de origem, destacando-se suas preferências em relação à paisagem:

Aquele tempo era muito melhor. Muito mato! Aonde tu ia tu entrava naquelas picada de mato, aquelas paisagem coisa mais linda. É muito mais lindo do que hoje. Hoje tu não passa por mato, não vê uma paisagem bonita por aqui a não se os Eucalipital dessas firma grande que tão se colocando no Brasil. É diferente. Aqui dentro do mato é Eucalipto. O mato aqui é campo, lá é serra, madeira de metro de grossura que aqui não existe: Angico (*Parapiptadenia rígida*), Cabreúva (*Myrcarpus frondosos*), Grápia (*Apuleia leiocarpia*). Nós usava Açóita (*Luehea divaricata*), nós fazia casa. Derrubava a madeira de anos, reta. Serra e partia as tora a

machado com cunhas, fazia casa de madeira. (Entrevista Individual; Douglas, 2º Geração; Família 1)

Arlindo: Ah! Se fosse pela paisagem eu quiria lá. Fátima: Lá, sem dúvida. Arlindo: Bah! Toda vida! Se fosse, por exemplo, por mato, eu sô apaixonado! Eu gosto, principalmente no mato fechado. O mato daqui é totalmente diferente, é tudo baixo, a maioria é banhado. Lá não, lá é Angico (*Parapiptadenia rígida*), Canela (*Ocotea sp.*). Chega a sê escurinho assim. Fátima: Tu ia no meio do mato, tu achava tudo que era tipo de frutinha pra cumê, Maracujá (*Passiflora sp.*), Castanha, Erva-de-Passarinho, aquelas otras. (Entrevista Coletiva; Arlindo, 2º Geração; Fátima, 3º Geração; Família 3)

Para além da vegetação, outros elementos de comparação nesta categoria dão conta de destacar a *paisagem de origem* diferenciada do assentamento por elementos como a *água* e os *animais*. Assim, Nilza (2ª geração) e Douglas (2ª geração) descrevem:

É tudo diferente, não tem nada a vê. Nada, nada, nada, nada! Tanto é que as sanguinha, porque eu chamo de sanguinha os riozinho, tu entra dentro é puro barro, porque não tem aquela pedra como tinha lá. Era uma cachoeira, era uma cachoeirinha de pedra... uma água que tapasse o teu pé tu podia deitá ali e não ia se sujá, porque era pedra, era uma laje embaixo. Aqui não, aqui tu entra numa poça d'água e sai puro barro. Então, é totalmente diferente, não tem nada a vê com lá. Tem até um riozinho aqui embaixo que nós ia no verão, mas ia lá no verão com as criança, porque é baxinho, não tinha perigo, mas saia de lá quando vinha pra casa parecia um tatu de sujera, puro barro. (Entrevista Individual; Família 3)

Eu me lembro da paisagem como se fosse hoje, Deus me livre! Tinha muito bicho, esses Quati (*Nasua nasua*), Paca (*Agouti paca*), bichinhos assim... Leão-Baio (*Puma concolor*)! A gente ouvia grito de Leão-Baio, mesma coisa que criação nas fazenda... coisa mais linda de vê! Naquele tempo eu era mais novo e a gente trabalhava muito e o pais não deixava caça, mas a gente caçava... Quati... toda gurizada... (Entrevista Individual; Família 1)

Aspectos que envolvem marcadamente a percepção sensorial dos lugares também tornam-se elementos comparativos na perspectiva da paisagem. Assim, ela é descrita em termos de sensações vivenciadas no lugar (de origem e destino), neste caso, às questões climáticas e seu impacto na vida cotidiana:

Na nossa época por causa da paisagem que tinha nós não sofria esses calor que a gente sofre aqui. A gente conversa ainda até hoje. Nós ia de manhã e de tarde todo dia pra lavoura e nunca sentia queimação de pele, trabalhava. E aqui, as plantaço nativa não faz também uma sombra que faz o mato mesmo. Lá é mato alto, o mato alto faz sombra. Ele quebra mais, as sombra dá gosto de tu entrá na época de verão no mato, é assim um ar condicionado. E aqui, por exemplo, não faz muita diferença. Tu entra no mato aqui, o calor dentro do mato é o mesmo, que ele é muito ralo... é uma diferença muito mostra, é otro clima. (Entrevista Individual; Arlindo, 2º Geração; Família 3)

Aqui é muito quente! Aqui é mais quente do que lá. Deus o livre, aqui é bem mais quente do que lá! E aqui já não sei se é por causa do mato ou é a areia. Pra lá não é areia, terra vermelha e terra preta... O ar é totalmente diferente. E aqui, o mato que se tem praticamente não se consegue entra no meio porque é banhado. E agora nessa época, tu vai lá pra baxo, vai entrá no mato, os banhado praticamente não tem sombra... (Entrevista Coletiva; Neuza, 2º Geração; Família 2)

A paisagem significada aqui, como privilegiando o ambiente *natural* aporta importantes contribuições a respeito do impacto da migração na vida dos sujeitos. As

narrativas, ao descreverem a paisagem desde essa perspectiva, nos permitem refletir sobre a relação dos sujeitos com os lugares.

Inicialmente, destacamos que, embora esta categoria procure sumarizar os significados desde esta perspectiva, os migrantes não se tratam apenas de observadores externos ao descreverem a paisagem cênica, que compara a floresta e o campo, os animais ou o uso dos recursos naturais dos diferentes lugares por onde passaram. Eles estão contidos na paisagem e fazem parte do ambiente, são observadores e ao mesmo tempo percebem o ambiente desde todos seus sentidos, em todas as suas facetas, conseguindo desde estas experiências significarem a paisagem. Neste sentido, retomamos a perspectiva da *temporalidade da paisagem* de Ingold (1993, p. 156), para qual a paisagem “é o mundo como ele é conhecido por aqueles que residem no lugar, quem habita os lugares e viajam ao longo dos caminhos conectando-os”. As paisagens compreendem os ambientes e as ambiências espaço-temporais do mundo vivido, porque os movimentos inerentes aos lugares trazem em si a dinâmica, os ritmos, os ciclos e a força das essências da vida (Guimarães, 2005).

Em relação às comparações floresta/campo, desde suas perspectivas cênicas e/ou ecológicas estas podem ser interpretadas pelas formas de vida com que o agricultor tradicional do lugar de origem, historicamente estabeleceu-se na/com a floresta.

Neste sentido, Ohta (2001), destaca que em relação aos aspectos cognitivos a paisagem também é julgada esteticamente dependendo da presença ou arranjo dos elementos particulares de um cenário, o que segundo, De La Fuente (2004) estariam associadas positivamente com a riqueza e heterogeneidade visual da paisagem, na escala humana.

Gobster, et al. (2007, p. 967), destaca que a percepção da paisagem mostra uma “forte correlação positiva entre beleza cênica e paisagem assumida como natural. Assim, os padrões da paisagem percebidos como natural, são quase sempre também percebidos como cenicamente bonitos e, paisagens cenicamente bonitas quase sempre transmitem alta qualidade ecológica”.

Além dos aspectos comentados, a familiaridade com o entorno tem um papel importante na apreciação paisagística. As preferências são influenciadas fortemente pelas experiências dos lugares em que vivem as pessoas e as recordações particulares que estes evocam. No caso da relação floresta/campo, os resultados refletem que esta apreciação cênica resulta também da história (ambiental) dos sujeitos, na família e no grupo comunitário. Por exemplo, como destaca Correa e Bublitz (2006), a exploração das “matas virgens” pelo

imigrantes que deram origem às comunidades do lugar de origem no final do século XIX e início do século XX, expressava culturalmente acumulação de capital.

Outro elemento importante, se refere à questão do apego aos lugares. Como destaca Brehm (2004; 2007), poucos estudos neste campo tem dado a devida atenção à dimensão ambiental em relação ao apego, restringindo-se às perspectivas sociológicas focadas nos aspectos sociais da família e a comunidade em geral. Para ele, no caso de comunidades migrantes, embora o ambiente apareça narrado a partir de diferentes óticas, este tem um papel vital por influenciar os estilos de vida, ou seja, sempre se associa à vida social que envolve a família e a comunidade. Neste estudo, a visão do ambiente *natural* como uma faceta distinta de apego emocional a sua comunidade em diferentes contextos evidencia-se como chave nas interpretações.

No que se refere aos conhecimentos tradicionais, estes não são transferidos ao novo lugar, mas podem se somar a partir de novas aprendizagens. Em relação a esta questão, há uma inquietação pelas diferenças em relação aos animais e plantas o que gera percepções em relação à perda de saberes, em última instância, de mudança das identidades.

Nesheim et al. (2006), ao estudar o que acontece com o conhecimento tradicional e o uso dos recursos naturais quando as pessoas migram, destaca que os conhecimentos sobre o ambiente natural e as formas de geri-los modificam-se. Além disso, aspectos que envolvem a percepção das escala local-global tornam-se confusas, não se esperando transmitir ou aplicar conhecimentos sobre os recursos naturais no novo lugar.

Neste sentido, Leff (2000, p. 58), destaca que “é necessário compreender as racionalidades culturais envolvidas nas classificações da natureza, que reflete no conhecimento local dos diferentes grupos étnicos. Ou seja, os sistemas de crenças, saberes e práticas que formam seus “modelos holísticos” de percepção e uso dos recursos”. Estas formas de significação estão intimamente relacionados com identidades culturais que vão configurando estilos étnicos que organizam práticas de uso da natureza, constituindo um patrimônio de recursos naturais e culturais das sociedades camponesas.

No intuito de descrevermos os significados da paisagem dos migrantes nesta categoria, desde a perspectiva geracional destacam-se, preferencialmente, a segunda e terceira gerações por privilegiaram em significar a paisagem desta determinada ótica. Ao tomarmos as narrativas, estas gerações ancoravam-se, principalmente, nas experiências da infância e em momentos de aprendizagem com os mais velhos.

Ao estudar sobre as formas como aprendemos sobre o ambiente, Measham (2006) destaca que as aprendizagens durante a infância são fortemente influenciadas pelas experiências diretas a partir de brincadeiras, por exemplo, em riachos, explorando a vegetação, perseguindo animais, etc. Estas vivências constituiriam uma paisagem interior que se tornaria base para as aprendizagens futuras sobre os lugares.

No caso dos migrantes, ao lembrarem sobre estes momentos no lugar de origem, estes significados emergiram como base comparativa para a *paisagem de destino* (assentamento), tornando-se elemento para reforçar a aprendizagem através da comparação entre lugares, o que se consolida na idade adulta (Measham, 2006). A primeira geração privilegiou significar a paisagem desde a dimensão social e/ou socioambiental, o que procuraremos discutir adiante.

3.2 Paisagem privilegiando a vida social

As relações sociais experienciadas no *lugar de origem e de destino* demarcaram outra dimensão dos significados da paisagem nas narrativas. Esta categoria privilegiou em descrever as experiências marcantes e os sentimentos associados à vida social nas comunidades. A partir das memórias de Celina (1ª geração), a *paisagem de origem* se configura, para além da descrição étnica e das relações afetivas entre seus membros, como momentos de encontros festivos em que sua família participava:

Lá era só alemão. E os alemão, eles gostam só de festa e brincadeira, eles não brigam, não são briguento! Daí saíam aqueles casamentos de durar três dias! E nós, eu a finada minha irmã e meus irmão, nós cantava muito. Então, nós era sempre convidado pra ir cantar nos casamento. Mas era divertido! O pai, ele foi lá e tinha um touro muito bravo na casa dum alemão, que ia ter um casamento. Eles encilharam lá o touro e era a tarde inteira se divertindo. Montavam no touro, corcoveavam um pouco, e seguiam... três dias e três noite era de festa... Era divertido, lá era divertido! (Entrevista Coletiva; Família 3)

De forma comparativa, a *paisagem de destino* é significada como um novo lugar em que, especialmente, as formas de convivência social não são as mesmas do lugar de origem, fazendo com que a paisagem anterior seja resignificada. Este processo é experienciado constantemente gerando sentimentos profundos, como Celina (1ª geração) novamente destaca: “Tenho saudade da nossa comunidade, dos meus vizinhos. Tem dia que a gente deita na cama e se esquece, se lembra de tudo. Onteontem eu me lembrava pedra por pedra de lá, não sei o que eu tinha, e me lembrava de tudo. (Entrevista Coletiva; Família 3)

Outro fato importante se centra nas memórias da vida social da infância como significado atribuído à *paisagem de origem*. Para Neuza (2ª geração) estas lembranças são

entremeadas de sentimentos de felicidade e tristeza que jamais retornarão, como ela mesmo narra:

Não volta mais aquilo lá que a gente viu no passado... E era tão bom na época! Bah! Hoje tá tudo mudado. Não vem, porque a gente era mais novo. Não conhecia o mundo... estudava distante, ia à pé, com chuva, com vento, era peral, era sanga cheia. Quando enchia o rio a gente ia à cavalo. Quantas vezes eu quase caí do animal de vê aquelas onda de água assim na sanga que passava e a gente atravessava pra ir no colégio. Era bom, porque a gente gostava de estudá, mas era difícil. Era difícil e tinha dias que se tornava triste. Porque a gente ali naqueles meio que a gente estudava acontecia muitas coisas... Não é que nem hoje, nem compara, mas era triste, porque a gente não tinha transporte, não ganhava nada de ninguém... Se tu tinha lá os teus caderno tu estudava, se não tinha... (Entrevista Coletiva; Família 1)

Em relação à preferência paisagística, tanto a *paisagem de origem* quanto a *de destino*, são selecionadas por critérios justificados pela interação social, seja em relação ao grupo familiar ou às pessoas da comunidade. Neste sentido, Rosa (1ª geração) narra:

Agora, pra mim é aqui mesmo que eu prefiro, porque agora, a nossa gentarada, o nosso parente, sogro, sogra, amigo, tudo já se foram, lá. Já se foram, morreram tudo. Então, agora a gente não tem prazer de ir num lugar desses, por causa que os parentage já se foram tudo! E aqui então, nós temos o nosso recurso, é ficar por aqui mesmo. Já tamo velho e saí pra lá não tem, não tem jeito. E agora é aqui mesmo. (Entrevista Individual; Família 1)

Nesta mesma perspectiva, César (2ª geração) prefere a nova paisagem, justificando que já se acostumou com a comunidade do assentamento, evidenciando seu apego a vida social do novo lugar:

Acho que nem hoje, já não tem que quere... Na verdade tem que sê aqui! Tem que sê aqui, não adianta. Eu prefiro a daqui... por causa que hoje em dia eu já tô acostumado, tem comunidade em comparação com lá. Tenho vizinho e onde eu já digo vô, provavelmente, fica até não sei. Vô fica por aí e é aonde eu toco os meu negócio também... (Entrevista Coletiva; Família 2)

Esta dimensão também é contrastada a partir das narrativas de Luci (3ª geração), para qual, embora a *paisagem de origem* apresente uma beleza cênica superior a *de destino*, sua preferência para a do novo lugar (assentamento) se justifica pela família e os membros da comunidade, como ela descreve:

Eu sinto falta, eu acho, eu sinto falta, entendeu, porque é difícil agora. Eu não tenho encontrado assim uma paisagem bonita, sabe!? Igual tem lá! Só que eu não sinto falta do lugar lá. Eu gosto daqui, porque tá a minha mãe! E daí tá todos meu sobrinho, eu gosto... tá os meus amigos... (Entrevista Individual; Família 2)

De forma complementar, Fátima (3ª geração), ao comentar sobre suas preferências entre a *paisagem de origem* e *de destino*, estabelece uma relação entre bem estar e vida social. Para ela, não há como o ser humano viver em lugar onde apenas a *natureza* se faz presente:

Hoje eu escolheria aqui. Porque eu acho que lá tá pior do que aqui... se fosse naquela época, se fosse como era antes, eu escolheria lá, mas agora tá pior pro ser humano viver... Porque, se for avaliar pela natureza, agora tá rico, muito lindo lá.

Um verde só, tu só enxerga verde, entende? Mas pro ser humano viver assim no meio do mato... Não tem mais estrada, não tem mais casa, não tem mais colégio, nem Igreja... (Entrevista Individual; Família 2)

Esta dimensão representa aqui as experiências nos lugares desde seu aspecto social. Os laços estabelecidos na família e no grupo social são a base constitutiva das histórias dos sujeitos e de suas auto-identidades na/com a paisagem. Na perspectiva de Bonnes e Secchiaroli (1995), viver em um ambiente não significa estruturar as experiências somente com respeito à realidade física, mas também com a dimensão social. Não há ambiente físico que não seja social, e vice-versa.

Claval (2005), ao discutir historicamente sobre as leituras da paisagem rural na Europa, destaca que para os agricultores e populações dispersas nas áreas rurais, a paisagem não é basicamente percebida como cenário, mas como uma unidade social e política baseada em um território. Ou seja, ela não está ancorada apenas em uma combinação de campos, cercas, muros, fazendas, vilarejos, etc. Elas formam a personificação do sistema político básico social e cultural.

No caso dos agricultores migrantes, aportam nesta leitura, as particularidades dos diferentes grupos de convívio (família, religião, escola, movimento sem terra, etc) de suas trajetórias biográficas e que constituem em certa medida as representações da paisagem nos lugares (de origem e de destino), constituindo um quadro social de interpretação complexa e multifacetada.

Neste sentido, partilhamos a perspectiva de Thomsom (2002, p. 341) ao referir-se à migração “enquanto passagem física de um lugar para o outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos, e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes”. Ou seja, este percurso não se trata apenas de uma mudança física, mas também de constantes transformações de sua identidade individual, e/com a família e/com o grupo social. É o encontro entre “velhos e novos mundos” se processando também em função da passagem do tempo, num mesmo lugar que se transforma (é reconstruído) continuamente (LISBOA, 2007).

Desde esta perspectiva, a migração representa para o indivíduo a sua transformação em estranho, em estrangeiro no novo lugar onde vive. Segundo, Carleilal (2002, p. 183) os migrantes “são alienígenas, porque diferem dos povos locais, de seus costumes e valores culturais”. Portanto, as relações sociais que se estabelecem serão baseadas em desigualdades diversas, tornando-se um grande desafio de adaptação ao novo lugar e a reconstrução de suas paisagens interiores (*inscape*).

Em relação às gerações, embora ainda reconheçam e exaltem as paisagens (*de origem e de destino*) a partir de elementos *naturais* e/ou aspectos cênicos, a paisagem significada a partir da vida social é privilegiada por todas as gerações em diferentes contextos em que é lembrada.

Evidencia-se que, especificamente a primeira geração, narra a vida social dos lugares com diversas e profundas emoções e sentimentos, ancorando-as em aspectos afetivos como a família e o grupo social. Este resultado expressa em grande parte, entre outros, as influências psicossociais inerentes a esta geração.

Burholt e Naylor (2005) em seus estudos sobre apego ao lugar por pessoas mais velhas em comunidades rurais (acima de 70 anos) sugerem que estas focalizam-se principalmente nas relações sociais com amigos, vizinhos, grupos comunitários ou organizações religiosas. Como destacam os autores, estes resultados não necessariamente sugerem que pessoas morando em suas comunidades rurais de origem, não apreciem a beleza cênica de sua volta, mas outros fatores podem influenciar o apego ao lugar.

3.3 Paisagem privilegiando o contexto socioambiental

A relação das famílias camponesas com os lugares é atravessada pela dimensão ambiental, articulada com as questões sociais. A agricultura representa, além de um meio vital de sobrevivência às famílias, a faceta constitutiva das identidades individuais e do grupo social. Inicialmente, os significados atribuídos à *paisagem de origem*, desde esta perspectiva, aglutinaram a relação entre a agricultura e a grande produtividade conseguida pela fertilidade do solo, como destacam as três gerações:

A paisagem era lindo! Tinha uns capão de mato grande assim, era a coisa mais linda! Os home trabalhavam assim, derrubavam mato, a vontade! A gente plantava de tudo, a gente arrancava um pouco e já plantava um mandiocal, um batatal... Era coisa muito lindo naquele tempo, barbaridade! Tudo tava contente, só depois que nós fomos despejado, daí sim... Era mais bonito que aqui porque era tudo terra nova, terra forte. A gente plantava, vinha aquelas moranga linda, mandioca bem grande, batatona grande, pé de milho com aquelas espigona grande! Parecia mentira, mas era verdade. (Entrevista Individual; Rosa, 1ª geração; Família 1)

Bah! Naquele tempo era bem bom a paisagem das terra eram melhor! O que se plantava colhia... não usava adubo. Milho veio, cana veio, grossona... Era verde, praticamente, que tu olhava de longe, quando fosse subi num morro, por exemplo, tu enxergava pedacinho de lavoura assim no meio. Quando chegava época de plantação então, tu via esses pedacinho, porque o pessoal lavrava. Depois lá, lavrava tudo esses pedacinho, mas a maioria você só via verde, porque o nosso córrego era verde, quase verde e daí quando plantavam, a plantação vinha verde, era muito bonito. Tinha lugar que você menos caminha. Daí claro, depois de um tempo foi ficando mais grande as entradas e já foi. Mas quando eu era criança, era um caminho de carroça praticamente, então tu nem enxergava de longe! Era mato, só mato. (Entrevista Individual; Arlindo, 2ª geração; Família 3)

Nossa era lindo lá! Tinha bastante água, sabe, porque já era de outras pessoas que moravam lá. Eles plantavam bastante também. Tinha muita árvore, tanto de fruta quanto nativa, Cinamomo (*Cinnamomum sp.*), tinha um monte de coisa, tinha um pátio bonitinho com gramado! A casa não era grande, mas era uma casa de madeira pequena e aí tinha uma área grande e um gramado bem grande, era bem legal. A mãe adorava plantar flor, e meu irmão também tinha um monte de árvore frutífera. (Entrevista Individual; Luci, 3ª geração; Família 2)

O processo migratório permite comparar intensamente os lugares fazendo com que as paisagens sejam (re)significadas a partir da terra, em última instância da agricultura. As dificuldades encontradas com o novo ambiente, ao chegarem no assentamento, se tornaram um grande desafio, como descrevem as gerações:

Aqui é fraca a terra, o pessoal usa mas é fraca.. Precisa bota calcário, precisa bota adubo. Eu prefiro lá! Naquele tempo dava pra planta porque a terra eram forte, aqueles mato, aquelas terra forte, mas Deus o livre! Lá pra terra dos índio! Terra preta... por isso que dava esse feijão... Nunca vi terra assim... (Entrevista Coletiva; Chico, 3ª geração; Família 1).

Aqui a terra é diferente... Plantava na mesma época, a seca castiga mais que lá... Aprendemo a lidá um pouco aqui... Ainda não, mesmo com dez, onze anos. Lá era mais certo, se dava uma diferença por mês de milímetros, vamos dizer, deu 100mm do mês de janeiro, esse ano, ano que vem vai chegar por aí, ou senão 80, às vezes passa um pouco, mas por ali... (Entrevista Individual; César, 2ª geração; Família 2)

Nossa! Era horrível! Eu lembro a gente chegou ali em dia de chuva ainda, aí eu nuca tinha visto areia, lá era terra vermelha e alí é areia branca mesmo. Bah! Achei horrível alí. E sem contar que a sede, a gente foi para a sede no começo, era uma casa velha, eu achei tudo ruim. Os meus irmão e minha mãe também até que a gente tinha chegado não sabia que tinha vendido lá. Tipo assim, a gente ia vim e vê se ia gostar. A gente ia deixar arrendado lá, o combinado era esse! E depois a gente voltava. E a gente chegou ali... (Entrevista Individual; Luci, 3ª geração; Família 2)

Para além da paisagem apenas como representação da agricultura, outras vivências sociais são narradas em que o ambiente se torna elemento central, para compor a(s) paisagem(ns). Embora o ambiente seja descrito em seu aspecto natural, ele se constitui também a partir de diferentes tempos e espaços sociais, como narra Celina (1ª geração) e Arlindo (1ª geração).

Eu sinto mais saudade das minha galinha que eu criava solta! Eu me lembro que no meu terreiro fazia “nuvem” também daqueles pinto pequeno que a gente criava solto! Todas as galinha, porquinho... As vaca, tirava leite... Tudo eu sinto saudade... Carroça de boi, tudo da agricultura dava lá... (Entrevista Coletiva; Família 3)

A paisagem era na nossa região uma área totalmente do sol dobrar, até era considerado acidental pra agricultura, porque tinha muito verde, mato. Tinha uns rios, nós pescava muito, dava muito peixe, de água muito limpa. Era assim tu ia e enxergava... Indo um metro na água tu enxergava o fundo, tu enxergava os peixe lá no fundo da água de tão limpa que era, o rio era bastante pedregoso, de pedra. Muito de vertentes de água nos matos... já que caçando de budogue, tu achava água em qualquer lugar, aquelas águas que saía do meio das pedras, tomava aquilo, aquela agüinha, era um video.. Era coisa mais linda! Eu me lembro muito, era tudo capoeira, mato. Eu me criei, desde pequenininho... Quem fez a derrubada do mato, grande mesmo, uma parte já foi o pai. Eu me lembro muito, que eles tinham muita aquelas toras que eles derrubavam, e daí o fogo não queimava. E nós vivia lá, nós brincava desde criança, brincava, corria, carpia... um pouco carpia, um pouco ia pras tora. (Entrevista Individual; Família 3)

Além disso, a paisagem (*de origem e de destino*) também aparece como representação das questões que envolvem os problemas ambientais percebido nos lugares. Para Neuza (2ª geração) e Arlindo (2ª geração) a preferência pela paisagem anterior basea-se no fato de quando lá viviam, não havia seca:

Eu gostaria de ir para lá (lugar de origem)! Não importa, não precisa sê de lá onde eu vim, em outro lugar, mas pra lá! Porque já é diferente que aqui, as coisa é melhor! Desde sei lá, uma seca afinal tá sendo geral isso aí! Mas só que aqui nós tamo sendo mais prejudicado do que lá, esse é o problema. Então aqui, a gente vive aqui, eu vivo aqui, mas eu não gosto daqui não, mas é um abrigo. (Entrevista Individual; Família 2)

Aqui tu caminha o mato inteiro, tu só acha aquelas poça de água parada, que não dá nem para pensá em tomá... com exceção da água do rio, ela é limpa. Aqui não tem vertente de água. Tem mais aqui em cima nas lomba. Mas se tu descê lá para baixo, o cara acha sanga de banhado e tudo mais, só que os banhado é onde que tu não acha água hoje nem pra remédio! Nós morava lá no topo do morro e podia dá seca que nós nunca ficava sem água. Tinha uma terra do pai onde eu me criei, morei 25 anos, tinha uma vertente de água que sustentava até 20 famílias na época da seca. (Entrevista Individual; Família 3)

O impacto percebido pela agricultura, em relação a crescente mudança de uma policultura, baseada na agricultura familiar, do lugar de origem, em relação a crescentes monoculturas, no lugar de destino, descrevem a *paisagem de destino* para Douglas (2ª geração): “*Essa paisagem daqui acabo... isso aconteceu por causa da ganância, a ganância da soja. Primeio foi isso aí, soja na época que produziu, que se derrubava os mato, derrubava os campos a modo de planta soja, então daí não tem...*” (Entrevista Individual; Família 1)

Encadeado a este tema, as conseqüências da modernização da agricultura, relacionadas aos agrotóxicos e à saúde vão complementado as formas com que a paisagem é significada. As narrativas de Neuza (2ª geração), Arlindo (2ª geração) e Maciel (3ª geração) descrevem estes contextos, comparando as paisagens de origem e de destino:

O que eu gostava de lá é de senti o cheiro do verde da natureza. Que a gente nota, pra lá o clima é outro. A gente respira outro clima, uma chero tão bão. Aqui não, aqui eu acho que até o ar já tá poluído. Aqui não é “acho”, como tá. Uma vez a gente se sentiu muito prejudicado aqui, por causa dos avião! Nada contra também, porque quem lida com esse avião são lavroreiro grande e precisa também plantá o arroz! Porque quem planta bastante é eles não é nós. E pra lá existe pinhão e aqui não existe. O pinhão! Agora já é época de pinhão. Aqui nem nos mercado vende! (Entrevista Coletiva; Família 2)

Lá tinha o rio Boitaca, nós adorava pesca, eu e meus irmão! Os cara chamava nós de os pescador, porque nós gostava... Dava uma chuva que dava uma sujada na água e nós ia. Não dava pra trabalha nós ia pesca e passava e pegava peixe, mas Deus o livre! Tinham muito peixe. Aí depois, quando nós comecemo a usa veneno, começo a diminui, começo a diminui e diminui. Quando nós saímos de lá, não, muito poquinho, tu ía mais porque tu gostava, mas já não valia a pena pesca... Eu fui conhecê veneno quando eu tinha 22 anos. Foi quando entrou a Souza Cruz lá, com aquela história de plantar fumo. Ai veio um cara com um técnico bem instruído, pra fazer a cabeça do povo... Nós pegamos cinco ou seis família. A partir dali que eu fui conhece o veneno, o agrotóxico... (Entrevista Individual; Família 3)

O clima daqui Deus o livre! É bem mais ruim do que o de lá. Até que hoje não sei... Hoje, se tu ir avaliar eu acho que lá tá pior do que aqui. Porque lá já faz há anos que o pessoal tá trabalhando com veneno... Então já tá pior que aqui. Mas a decadência aqui também, pelo jeito vai se avançá... já tá se avançando... (Entrevista Individual; Família 1)

Esta dimensão da paisagem resulta da construção da identidade camponesa no lugar (de origem e de destino). Embora outras dimensões compõem estas trajetórias, individuais e coletivas, o ambiente experienciado desde a agricultura é por si só o elemento marcante na constituição do agricultor.

Na visão de Caume (2006), a propriedade da terra é um dos elementos articuladores do ser “colono”, enquanto princípio de práticas sociais. A busca constante pela propriedade da terra explica a colocação em prática, em diferentes tempos e espaços, de um conjunto de estratégias de reprodução da posição do camponês, como a migração, os padrões de herança do patrimônio fundiário e as mobilizações sociais em torno da “luta pela terra”.

Embora outras leituras também sejam praticadas, expressando a dimensão natural da paisagem e as relações que os grupos locais desenvolveram com o ambiente, Claval (2005) lembra que as populações das áreas rurais na Europa durante os séculos XVIII e XIX usavam a paisagem para expressar o seu estatus social (agricultor) frente a outros grupos sociais. Ele também lembra que, para as pessoas que vivem no meio rural as paisagens aparecem como uma expressão dos sistemas agricultiváveis e como base material da unidade social, cultural e política.

Outra perspectiva interpretativa é destacada por Thomas (1983, p. 232) ao descrever sobre as atitudes dos homens para com os animais e a natureza no século XX na Inglaterra, destacando que neste período a ocupação das matas simbolizava o triunfo da civilização. Segundo ele, até então as “florestas tinham sido sinônimo de rusticidade e perigo, como nos lembra o termo “selvagem”. Os colonos na época ficariam horrorizados à vista de uma região coberta de “matas incultas e agrestes”, ou seja, as matas não cultivadas eram vistas como obstáculo ao progresso humano”.

De forma análoga, Correa e Bublitz (2006), ao tratarem da história ambiental da colonização do Rio Grande do Sul quando da chegada de imigrantes na região de origem européia, entre os séculos XIX e XX, descrevem que o engenheiro e agrimensor alemão Maximiliano Beschoren, que viveu ao norte no Vale do Rio Uruguai, entre 1875 e 1887, ficou impressionado ao encontrar a floresta da região: *“Eu nunca havia encontrado uma floresta assim! Tão fechada... O mato torna a floresta inacessível! Que imensa e variada vegetação opõe-se a nós! Que árvores gigantescas...”*.

Segundo Rambo (1994, p. 309), a força motriz principal da corrente migratória neste período foi o desejo de adquirir boas terras de lavoura. Uma das raízes psicológicas dessa predileção seria a “atração misteriosa que o mato exerce sobre o caráter do povo alemão; outra se centra na semelhança desses vales e montanhas com a terra de origem [...]”.

Na perspectiva de Gobster et al. (2007), os agricultores que estão regularmente engajados com o trabalho na terra, quase sempre tem o conhecimento sofisticado dos processos ecológicos que afetam agricultura, bem como a percepção das nuances das características da paisagem que são salientadas para o empreendimento da agricultura. Os caminhos pelos quais a paisagem é percebida e interpretada por diferentes culturas tem conduzido a diferentes padrões de paisagem e estes padrões podem ser identificados e mapeados nas próprias histórias da paisagem.

Os significados atribuídos à paisagem a partir desta dimensão também envolveram a percepção das consequências ambientais de um projeto moderno de desenvolvimento da agricultura. Estas são sentidas e interpretadas nos contextos sociais que articulam a vida camponesa, ou seja, determinada percepção é consequência natural daquele que vive na terra.

Considerando que os processos de socialização dos sujeitos enquanto agricultores atravessam toda a trajetória vital na família e no grupo social, todas as gerações procuraram significar a paisagem desde esta determinada ótica. Como destaca Fischer (1994), os significados estão ligados ao tipo de atividades, à natureza das relações que se mantêm e o resultado dos valores criados pela sociedade.

3.4 Paisagem e Educação Ambiental: processos participativos no planejamento local da paisagem

Como destaca Grün (2008) devido à ciência moderna, nós perdemos a noção de lugar. Perdemos as referências para traçar nosso caminho no mundo, contar as nossas histórias. As narrativas pelas quais damos sentidos as nossas vidas dificilmente estão entrelaçadas aos lugares. O que se coloca é como fazer a reapropriação social dos lugares, para podermos ter uma noção de lugar e assim reconhecermos como parte das nossas histórias.

Ao que tudo indica, este também é um dos grandes desafios aos migrantes, o de reconstruir novas referências, indentificações com o novo lugar, para que possam dar novos sentidos as suas vidas. O que se interpreta é que, de forma análoga, estabelecem conexões entre as suas histórias e a dos lugares (origem, migração e de destino), compondo paisagens

que possam ser reconhecidas e significadas não como estranhas, mas como constituintes de suas trajetórias.

Este processo não se dá de forma individual, mas sim coletiva em que se tramam as práticas da família e da comunidade. É preciso valorizar a paisagem enquanto elemento constitutivo de uma história (ambiental) pertencente a todos, o que fortalecerá os laços do grupo social com o lugar. Assim, a significação das paisagens vitais, mais do que uma simples reconfiguração de cenários, se incorpora aos sujeitos de forma significada e significativa, confundindo-se em suas histórias e formas de ver o mundo.

Neste sentido, uma Educação Ambiental a partir da paisagem se revela como potencializadora aos objetivos educativos transformadores dos sujeitos e de suas realidades socioambientais. Por exemplo, mediante atividades que promovam a observação e a interpretação da paisagem, podemos aproveitá-la como recurso didático para a geração de conhecimentos e de sensibilização ambiental (ROJAS, 2004; PASTOR, 2000), ou mesmo como caminho para compreender os grupos sociais e seus comportamentos.

No contexto deste estudo, propomos uma abordagem *compreensiva* da Educação Ambiental (FLICKINGER, 1976; CARVALHO, 2002, 2003; CARVALHO e GRÜN, 2005; GRÜN, 2007), com base na hermenêutica, a qual se opõe a uma perspectiva explicativa, em grande parte oriunda da tradição das ciências naturais. Trata-se, antes de qualquer outra coisa, de uma postura interpretativa em que a historicidade das questões ambientais no contexto das história dos sujeitos torna-se o foco central.

A paisagem como expressão dos mundos internos e externos, propicia estas leituras de mundo, situando historicamente as questões ambientais nos lugares. Desta forma, partindo da paisagem como *engajamento compreensivo no ambiente* (CARVALHO, 2009, p. 106) “permite-se assim, enfatizar a dinâmica dos processos temporais e sociais que dão forma ao ambiente, ao mesmo tempo em que constituem e modificam os lugares e os modos de habitar, permitindo distanciar-se de uma visão objetificadora que tende a atribuir um sentido de externalidade ao sujeito humano em relação ao mundo. Neste sentido, pode-se compreender a paisagem como lócus da relação do sujeito com o mundo – seus lugares, seus modos de ser, suas memórias e crenças – são constitutivos do seu ambiente de vida.”

Neste horizonte, a comunidade, como dimensão social do lugar, pode ser o espaço onde emergem as práticas educativas ambientais em direção à sustentabilidade local. Como afirma Callejas (2006, p. 59), “é necessário voltar à comunidade, não com a ilusão de retornar ao passado bucólico tradicional, mas sim a uma instituição social cujo traço identitário seja a

ação participativa, a responsabilidade ambiental local e global, a convivência multicultural e a criação de um sentimento de pertença situado e limitado, mas ao mesmo tempo amplo em seu sentido de humanidade”.

Os processos participativos se configuram enquanto práticas educativas ambientais na busca de soluções que transformem a realidade da comunidade a partir da paisagem local. Para Caride e Meira (2001), a comunidade precisa valorizar de forma integrada e duradoura os recursos locais, insistindo na necessidade de abordar a legitimidade e as suas responsabilidades (desde os poderes públicos até os movimentos associativos, em diferentes marcos institucionais e políticos, etc.) na ação coletiva a favor da sustentabilidade. É precisamente na esfera local, na qual conceitos tão abstratos como o da sustentabilidade podem tomar um significado real e adaptado às condições de cada contexto social, de acordo com a emergência dos processos de inter-subjetividade que configuram novas formas de compreender e agir *no e com* o mundo.

3.5. Conclusões

As formas com que a paisagem é significada pelos migrantes podem assumir diversos caminhos, dependendo dos contextos em que é rememorada. Para isso, convergem aspectos ambientais, socioculturais e ontogenéticos (dimensão psicológica e cognitiva), tornando a paisagem (de origem e de destino) polissêmica. As trajetórias biográficas nos lugares são vitais neste processo e abarcam as subjetividades individuais, da família e do grupo social, constituindo a identidade dos lugares.

As categorias apresentadas (*paisagem privilegiando o ambiente natural, paisagem privilegiando a vida social e paisagem privilegiando o contexto socioambiental*) configuram-se como discretas e fortemente relacionadas. Compõem em seu conjunto uma matriz interpretativa para a relações dos migrantes com os lugares, sendo infrutíferas suas leituras dicotomizadas e excludentes.

Destaca-se a noção de pertencimento pelos migrantes. Embora o lugar de destino seja um desafio, as paisagens não são interpretadas como cenários; os migrantes se reconhecem enquanto constituintes da paisagem, evidenciando as suas relações com os lugares em todas as suas dimensões sociais e ambientais.

As leituras geracionais dos significados da paisagem confirmam uma pluralidade de sentidos, evidenciando diferenças sutis na significação da paisagem. As interpretações devem considerar aspectos subjetivos inerentes as fases da vida dos indivíduos. A abordagem

metodológica permite relativizar a história dos sujeitos no/com os lugares ampliando o espectro de análise.

A paisagem, enquanto leitura da história dos sujeitos nos lugares, se configura como vital ao desenvolvimento de uma Educação Ambiental *compreensiva*. Desta forma, os migrantes (re)localizam suas vidas através do repensar seus deslocamentos (externos e internos) dando novos sentidos as suas vidas, a família e ao lugar.

Aporta esta perspectiva aos processos participativos no planejamento local da paisagem enquanto prática educativa ambiental. Desta forma, é possível pensar em direção à sustentabilidade local das comunidades desde a paisagem.

REFERÊNCIAS:

AFONSO, N. *Investigação Naturalista em Educação: Um Guia prático e crítico*. Coleção em Foco. Porto: Editora ASA, 2004. 223p.

ARESI, C. *Transformações culturais e território: o Kaingang da Reserva Indígena da Serrinha – RS*. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BOGDAN R. C. e BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994. 336p.

_____ e TAYLOR, S. *Introduction to qualitative research methods*. John Wiley & Sons, Inc. 1975. 266p.

BONNES, M. e SECCHIAROLI, G. *Environmental Psychology: A psycho-social introduction*. SAGE publications. , 1995. 230p.

BREHM, J. M. Community Attachment: The Complexity and Consequence of the natural environment facet. *Human Ecology*, p. 477-488. 2007.

BREHM, J. M.; EISENHAUER, B. W. e KRANNICH, R. S.. Dimensions of Community attachment and their relationship to well-being in the amenity-ric rural West. *Rural Sociology* 69(3), pp. 405-429, 2004.

BURGESS, R. G. *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Editora Celta. 1997.

BURHOLT, V. e NAYLOR, D. The relationship between rural community type and attachment to place for older people living in North Wales, UK. *European Journal of Ageing*, p. 109-119. 2005.

CALLEJAS, G. V. El discurso y la Práctica de la Educación Ambiental como estratégia para la participación y la construcción de la comunidade. *ADAXE – Revista de Estudios e Experiencias Educativas*, p.49-62. 2006.

CARIDE, J. A. e MEIRA, P. A. *Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano*. Instituto Piaget: Portugal, Lisboa, 2001. 302p.

CARINI, J. J. *Estado, Índios e Colonos: o conflito na reserva indígena de Serrinha norte do Rio Grande do Sul*. Editora UPF, 2005. 271p.

CARLEILAL, A. 2002. *Cultura Migratória*. In: Transições Migratórias. Orgs. Adelita Neto Carleial, Ana Maria Matos Araújo et al. Fortaleza: Edições IPLANCE, 2002. p. 181-195.

CARVALHO, I. C. M. *A Invenção Ecológica. Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 229 p.

_____ e GRÜN, M. *Hermenêutica e Educação Ambiental: o educador como intérprete*. In: Encontros e Caminhos: Formação de Educador(es) Ambientais e Coletivos Educadores. MMA, Diretoria de Educação Ambiental. Org. Luiz Antonio Ferraro Júnior. Brasília, 2005. 358 p.

_____. *Os sentidos do “ambiental” : a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade*. In: A complexidade ambiental. Org. Leff, E.. São Paulo: Cortez, 2003. p. 99-120.

_____, GRÜN, M. e AVANZI, M. R.. Paisagens da compreensão: contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da educação ambiental. *Cadernos do CEDES (UNICAMP)*, Vol. 29, n. 77, p. 99-115, jan./abril. 2009.

CAUME, D. J. *O MST e os Assentamentos de Reforma Agrária: a construção de espaços sociais modelares*. Editora UPF, 2006. 304p.

CHASE, S. E. *Narrative Inquiry: Multiple Lenses, Approaches, Voices*. In: Handbook of Qualitative. 3 ed. Research. Edited by Norman K. Denzin, Yvonna S. Lincoln. SAGE Publications, 2000. p. 651-679.

CHELOTTI, M. C. A dinâmica dos espaço agrário no município de Santana do Livramento/RS: Das sesmarias aos assentamentos rurais. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, p. 53-70. 2005.

_____. 2003. 215 f. *A instalação de assentamentos rurais e a inserção de novos agentes no espaço agrário do município de Santana do Livramento, RS*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista.

- CLAVAL, P. Reading the rural landscapes. *Landscape and Urban Planning* 70. p. 9-19. 2005.
- CORREA, S. M. S. e BUBLITZ, J. *Terra de Promissão: uma introdução à Eco-História do Rio Grande do Sul*. Editora UPF, Co-edição EDUNISC, 2006.
- DANSEREAU, P.. *A terra dos homens e a Paisagem Interior*. Bélem: NAEA/UFPA. Tradução: Carlos Vaz e Rosa Acevedo, 1999.
- DE LA FUENTE, G.; ATAURI, J. A. e LUCIO, J. V.. El aprecio por el paisaje y su utilidad en la conservación de los paisajes de Chile Central. *Ecosistemas* 2004/2.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e Abordagens*. 2 edição. Porto Alegre: Editora Arned, 2006. 432 p.
- FARINA, A. e BELGRANO, A.. The eco-field: a new paradigm for landscape ecology. *Ecological Research*, p.107-110. 2004.
- _____ e BELGRANO, A..The eco-field hypothesis: toward a cognitive landscape. *Landscape Ecology*, p. 5-17. 2006.
- _____; BOGAERT, J. e SCHIPANI, I.. Cognitive Landscape and information: new perspectives to investigate the ecological complexity. *BioSystems*. p.235-240. 2005.
- FISCHER, G. N. *Psicologia Social do Ambiente*. Instituto Piaget: Lisboa, Portuga, 1994. 216p.
- FLICKINGER, Hans-Georg. O ambiente epistemológico da Educação Ambiental. *Educação e Realidade*, v.1, n.1. Fev. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, p. 197-207. 1976.
- GASKELL, G. *Entrevistas individuais e grupais*. In: Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som: um manual prático. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p. 64-89.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. Editora UNESP:São Paulo, 1991. 177 p.
- GOBSTER, P. H.; NASSAUER, J. I.; DANIEL, T. C. e FRY, G. The shared landscape: what does aesthetics have to do with ecology? *Landscape Ecology*, p. 959-972. 2007.
- GREIGER, T. e GARKOVICH, L. Landscapes: The social construction of nature and the environment. *Rural Sociology*, p. 1-24. 1994.
- GRÜN, M. *Em busca da dimensão ética da Educação Ambiental*. Campinas, SP: PAPIRUS, 2007. 175 p.
- _____. A Importância dos Lugares na Educação Ambiental. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. dez.08, p. 1-11, 2008.

GUIMARÃES, S. T. L. Planejamento e proteção dos recursos paisagísticos: Aspectos relacionados à cognição, percepção e interpretação da paisagem. *OLAM, Ciência & Tecnologia*. VOL. 5, n.1, Rio Claro SP, p. 202-219. 2005.

INGOLD, T. The Temporality of the Landscape. *World Archaeology* 25, nº. 2 , p. 24-174. 1993.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mapa da vegetação do Brasil e Mapa de Biomas do Brasil. www.ibge.gov.br, acessado em Maio de 2009. 2004.

LEFF, E. Espacio, lugar y tiempo: La reapropiación social de La naturaleza y La construcción local de La racionalidad ambiental. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 1, p. 57-69, 2000.

LEITE, P.F. & KLEIN, R. M. *Vegetação*. In: Mesquita, O. V. (ed.), Geografia do Brasil - Região Sul, vol. 2. IBGE, Rio de Janeiro, 1999. p. 113-150.

LENZI, C. Para uma imaginação sociológica da Ecologia: Uma análise do pensamento de Anthony Giddens. *Ambiente & Sociedade*, Vol. IX, nº1 jan./jun, p. 105 - 126. 2006.

LISBOA, C. P. *(Re)contando Histórias: o ambiente tematizado a partir dos itinerários de vida*. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MEASHAM, T. G. Learning about environments: The significance of Primal Landscapes. *Environmental Management*, vol 38, n.3., p. 426-434. 2006.

NASSAUER, J. I.. Culture and changing landscape structure. *Landscape Ecology*, vol. 10, n. 4, p. 229-237. 1995.

NAVEH, Z. *Culture and landscape conservation: a landscape-ecological perspective*. In: Gopal, B. P.; Pathak, P.; Sayena, K. G. (Eds.) *Ecology Today: an anthology of contemporary ecological research*. International Scientific Publications, New Delhi, 1998. p. 19-48.

NAVEH, Z. e LIEBERMAN, A. *Landscape Ecology: Theory and Application*. Spring-Verlag. Second Edition, 1993. 360 p.

_____. Interactions of landscapes and cultures. *Landscape and Urban Planning*, p. 43-54. 1995.

_____. Ten major premises for a holistic conception of multifunctional landscapes. *Landscape and Urban Planning*, p. 269-284. 2001.

_____. The Total Human Ecosystem: Integrating Ecology and Economics. *Bioscience*, Vol. 50, n.4, p. 357-361. 2000.

- NESHEIM, I.; DHILLION, S. S. e STOLEN, K. A.. What happens to traditional knowledge and use of natural resources when people migrate? *Human Ecology*, Vol. 34, n.1, February, p. 99-131. 2006.
- OHTA, H. A phenomenological approach to natural landscape cognition. *Journal of Environmental Psychology*, 21, p. 387-403. 2001.
- OVERBECK, G. E.; MÜLLER, S. C.; FIDELIS, A.; PFADENHAUER, J.; PILLAR, V. D.; BLANCO, C. C.; BOLDRINI, I. I.; BOTH, R. e FORNECK, E. D. Brazil's neglected biome: The South Brazilian Campos. *Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics*, p.101-116. 2007.
- PASTOR, I. O. Paisaje y Educación Ambiental. *Observatorio Medioambiental*. n. 3 , p. 35-50. 2000.
- RAMBO, B. *A fisionomia do Rio Grande do Sul*. Editora Unisinos:Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1994. 473 p.
- ROJAS, L. M. H. El paisaje como recurso didáctico. *Revista Biocenosis*, Vol. 18 (1-2), P. 43-49. 2004.
- STEDMAN, R. C. Toward a Social Psychology of Place: Predicting Behavior from Placed-Based Cognitions, Attitude, and Identity. *Environment and Behavior*, p. 561-580. 2002.
- THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. Cia das Letras, 1993. 454p.
- THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.22, n°44, p. 341-364, 2002.
- TRESS, G.; TRESS, B. e FRY, G.. Clarifying integrative research concepts in landscape ecology. *Landscape Ecology*. p. 479-493. 2004.
- TUAN, Y. F. *Space and place: The perspective of experience*. Minneapolis: university of Minnesota Press. 1977.
- WOLCOTT, H. F.. *Transforming Qualitative Data: description, analysis, and interpretation*. SAGE publications, 1994. 433p.
- WU, J. e HOBBS, R.. Key issues and research priorities in landscape ecology: An idiosyncratic synthesis. *Landscape Ecology* 17, p. 355 – 365. 2002.